


Devoção particular: estudo interdisciplinar acerca da presença de objetos de devocionais no espaço privado

Amanda Patricia Tagliaro¹

 0000-0001-9710-5260

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 17, 2023. **Atas do XVII Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 17, 2023.

DOI: 10.20396/eha.17.2023.11737

Resumo

Com o objetivo de explorar o uso de objetos de devoção no cotidiano e suas contribuições para a vivência religiosa no ambiente privado, foi elaborada a pesquisa de mestrado que propõe um estudo acerca da presença de imagens devocionais na esfera popular e caseira. Partimos da visualidade e materialidade, considerando códigos e práticas religiosas cristãs católicas, manifestadas no cenário brasileiro da atualidade, sob uma ótica interdisciplinar que une antropologia e história da arte. Apresenta-se aqui, material selecionado com resultados parciais de acordo com o andamento da pesquisa, apresentando espaços pertencentes a alguns devotos de Nossa Senhora Aparecida.

Palavras-chave: Cristianismo. Cultura material. Cultura visual. Devoção. História da arte.

¹ Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia (IARTE/UFU). Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (PPGHA/UNIFESP), sob orientação do Profº Dr. André Luiz Tavares Pereira. Pesquisa apoiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

O trabalho aqui apresentado corresponde a resultados parciais de um projeto de pesquisa de mestrado sob a orientação do Prof^o Dr. André Luiz Tavares Pereira, no Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, com incentivo CAPES. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo de caráter interdisciplinar, o qual procuramos unir conteúdos de cultura visual e cultura material que permeiam as áreas de história da arte e antropologia.

Como objetivo, procura-se explorar o uso de objetos devocionais² no cotidiano e suas contribuições para a vivência religiosa, juntamente de análises que visam compreender estes elementos iconograficamente e socialmente. Em geral, estes objetos de devoção são alocados em conjunto dentro de casa, em espaços reservados para esta finalidade, e recebem nomes populares como: altazinho, oratório, canto de reza, canto dos santos, entre outros. No caso de grupos cristãos ortodoxos, o aglomerado de imagens religiosas acontece exclusivamente com produtos bidimensionais, alocados na junção de uma parede, e é chamado de “canto dos ícones”.

A escolha de investigar estas ações e interações humanas em relação à materialidade religiosa na residência como cenário, se dá a partir de reflexões acerca do ambiente casa enquanto privativo, familiar e identitário, podendo ser estabelecidas relações, hospitalidade e identificação com as entidades acolhidas no espaço devocional longe de qualquer interferência externa, no caso litúrgicas, possibilitando livre configuração do oratório e manifestação devocional. Para a execução da etapa de estudo de caso, foi necessário selecionar voluntários(as) dispostos(as) a abrir suas residências, que concederam entrevistas e permitiram que os espaços devocionais fossem fotografados, assim delimitamos a cidade de São Paulo como recorte geográfico, com a finalidade de facilitar estas visitas.

Vale destacar que o trabalho carrega a intenção de investigar possíveis vínculos e afetos entre a religiosidade das pessoas e os objetos de devoção que possuem, de modo respeitoso, não há o intuito de justificar, questionar ou debater as crenças, que são particulares, e sim conhecer e interpretar as experiências relatadas, dando voz e oportunidade de compartilhamento e documentação para vivências religiosas no sentido privado e popular.

O material coletado foi submetido à análises formais e simbólicas, procurando entender como se dá a utilização do espaço, o processo de manutenção, composição e aquisição dos elementos pelos proprietários, o que determinados elementos representam iconograficamente, e socialmente.

² Escolhemos para este estudo o termo objetos devocionais, que aqui corresponde a todo objeto de caráter religioso que representa crença e afetividade com o sagrado, em acordo com a definição da palavra “devoção” no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009, p. 676): “apego sincero e fervoroso a Deus ou aos santos, sob uma forma litúrgica ou por práticas regulares privadas”.

A análise formal é comum em estudos de história da arte, sendo em muitos casos a etapa inicial do exame de obras de arte. Na pesquisa, o elemento visual de estudo parte de um aglomerado de objetos, que recebem atribuições simbólicas individuais por parte da religiosidade enquanto instituição, e em conjunto por parte do(a) proprietário(a) e mantenedor(a) do espaço. Neste caso, a análise formal se estabelece a partir da observação do agrupamento de objetos religiosos, como este é organizado, como os elementos são distribuídos e apresentados no móvel ou área que os comporta, se são mais comuns a presença de estatuetas ou figuras bidimensionais, materiais, cores e demais questões estéticas, investigando juntamente das entrevistas se estas disposições acontecem de modo conscientes ou não por parte dos proprietários(as).

O uso da análise formal nos conjuntos contribui para a delimitação de semelhanças e diferenças entre os espaços consultados, traçando padrões estéticos que permitem identificar elementos já enraizados no imaginário religioso sob análise, que atravessam a formalidade e adentram no campo simbólico, encaminhando para a etapa adjacente que é, por fim, dividida em dois segmentos.

O simbolismo institucionalizado³ se trata do que determinada imagem ou conjunto representa – em especial a construção iconográfica das entidades, normalmente relacionadas a episódios de vida. Já o simbólico social se desenvolve a partir da recepção e interpretação destes elementos já institucionalizados ou não, que podem ser modificados a partir de experiências e costumes, caracterizando a devoção popular. Entendemos que apesar dos conceitos institucionalizados, os significados são mutáveis, podendo variar de acordo com questões culturais, temporais e geográficas. A narrativa contada por uma imagem pode ser modificada através de diferentes leituras, Alberto Manguel afirma que ao ler uma imagem não podemos determiná-la “só pela iconografia mundial mas também por um amplo espectro de circunstâncias, sociais ou privadas, fortuitas ou obrigatórias⁴”, concluindo que uma narrativa específica pode ser construída por meio de ecos de outras narrativas, e assim também pode ocorrer com a vivência religiosa no contexto popular e/ou particular.

Tomamos como ponto de partida para apresentação dos resultados parciais selecionados, a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que se mostra presente na maioria dos espaços devocionais visitados. Este encontro já era esperado ainda no processo de elaboração do projeto, considerando o histórico devocional e o enraizamento da figura como padroeira do Brasil, assim como a

³ Entendemos como instituição aquela que organiza e rege os dogmas, que autentica sistemas simbólicos e são responsáveis pela disseminação dos mesmos.

⁴ MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 28

proximidade entre as cidades de São Paulo e Aparecida, onde se encontra o santuário dedicado à estatueta encontrada pelos pescadores da região⁵.

Quanto a iconografia de Nossa Senhora Aparecida, destaca-se o trabalho de Fuviane Moreira, que ao estudar sobre o manto de tecido encontrado em algumas representações da santa, percorre todo o histórico de construção de uma identidade nacional sobre uma imagem que outrora representou Nossa Senhora da Conceição, uma santa portuguesa:

Essa assertiva se apoia no fato de que em certa ocasião, em uma das restaurações da escultura, realizada em 1978, encontraram-se nela vestígios de tintas, azul e vermelha, cores oficiais da Nossa Senhora da Conceição, que é uma iconografia correspondente à padroeira de Portugal, desde Dom João IV, em meados do século XVII, assim como de sua colônia, Brasil, até a proclamação da república, em 1889 (...) ratificando a influência do processo de colonização portuguesa na formação do catolicismo neste país, assim como reforçando possibilidades para uma reflexão, a partir da imagem da Virgem Maria, sobre a necessidade de uma nova iconografia que promovesse essa “mistura nacional”, defendida após a abolição da escravatura (1888), da proclamação da República (1889), e reforçada no governo de Getúlio Vargas, uma vez que mesmo antes dessa descoberta da cor original da escultura, já em 1931 a Aparecida se tornou padroeira do Brasil⁶.

No sentido iconográfico, construído teologicamente e disseminado pela Igreja Católica Romana, a representação imagética de Nossa Senhora Aparecida surge em consonância à iconografia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Anderson Santos implica a referência da mulher apocalíptica na representação da santa portuguesa, que além de apresentar símbolos cósmicos como lua e estrelas, porta:

O manto de cor azul ou vermelho, símbolo da proteção divina e da dignidade; a túnica branca, sinal de pureza; os cabelos longos e soltos que também podem representar um véu, sinal de liberdade; as mãos postas sobre o peito como gesto de oração; as nuvens que simbolizam a manifestação divina; os querubins de cabeça alada (...) que recordam os anjos que foram postos sob a Arca da Aliança a fim de indicar o propiciatório que sinaliza a presença do Altíssimo⁷.

A santa brasileira, no entanto, perde essencialmente a cor ao ficar submersa, e além disso recebe novos atributos, em especial uma medalha de cruz, um novo manto que dá a imagem a forma triangular, e a coroa:

⁵ MOREIRA, Fuviane. *O Manto de Nossa Senhora Aparecida*: um esboço de uma análise. Uberlândia: UFU, 2018, p. 97

⁶ MOREIRA, op. cit., 2018, p. 98-99

⁷ SANTOS, Anderson. *A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida em uma perspectiva simbólico-eclesiológica e mariológica*. São Paulo, 2019, p. 31

(...) em 08 de dezembro de 1868 essa escultura recebeu da princesa Isabel um manto de veludo azul, com 21 brilhantes que representavam a capital e as 20 províncias do Império. Em 1884, a imagem recebeu uma coroa de ouro, cravejada de brilhantes, 24 diamantes maiores e 16 menores. Em 1904, foi coroada por ordem do papa Pio X. Em contrapartida, ainda não se sabe qual foi o primeiro manto usado pela imagem de Nossa Senhora Aparecida⁸.

Moreira assinala questões acerca do período de recuperação da imagem, e chega a citar o Concílio de Lima (1576)⁹, que atribuiu determinações acerca de produções visuais de santas mulheres, em acordo com o que foi instaurado no Concílio de Trento (1545-1563) ao implicar decência e comedimento quanto às vestimentas das figuras sagradas. Hoje em dia, é comum encontrar em lares brasileiros estatuetas de Nossa Senhora Aparecida que evidenciam as características formais instauradas, porém recebem ornamentos distintos, principalmente ao se tratar do manto: coberto de pedrarias, pintado e estampado de cores diferentes do clássico azul anil, esculpido ou – como na figura original – produzido em tecido, assim como diversas outras intervenções.

Como resultado parcial de estudo de caso, apresento o Sr. Antônio, que se considera devoto de Nossa Senhora Aparecida. Seu espaço devocional fica no hall dos quartos, uma área reservada da casa entre os cômodos direcionados ao descanso. É um local que se tem acesso antes de dormir e ao acordar, horários que o Sr. Antônio se dedica aos agradecimentos e pedidos frente às imagens que possui¹⁰ [figura 1].

Ao observar o altar caseiro, identificamos a presença de aproximadamente 22 imagens que se distribuem em estatuetas, impressão e relevo, dentre estas estão representadas: a sagrada família, São Jorge, Nossa Senhora de Fátima, Santo Expedito, entre outras personalidades. Uma característica que chama atenção, é a abundante presença de fotografias que se alocam em meio aos objetos religiosos, são fotografias de familiares e amigos do Sr. Antônio, que afirma: “eu diria que são as pessoas mais importantes né, as pessoas importantes para mim e para nós [a família]”¹¹. Em todo o espaço, encontramos três esculturas de Nossa Senhora Aparecida, de tamanhos e apresentações distintas entre si [figura 2], e para facilitar a visualização, as figuras foram destacadas separadamente. O proprietário informa que, de modo geral, não há preocupação com a organização dos elementos, eles não têm “lugares próprios”, havendo duas exceções:

⁸ MOREIRA, op. cit., 2018, p. 100

⁹ Ibidem, p. 99

¹⁰ Informação coletada durante a entrevista realizada para a execução da pesquisa de mestrado.

¹¹ Trecho de entrevista coletada para a execução da pesquisa de mestrado.



Figura 1: Espaço devocional de Sr. Antônio, 2023. São Paulo.
Fotografia de Amanda Patrícia Tagliaro, acervo pessoal.



Figura 1:
Espaço devocional de Sr. Antônio, 2023. São Paulo.
Fotografia de Amanda Patrícia Tagliaro, acervo pessoal.

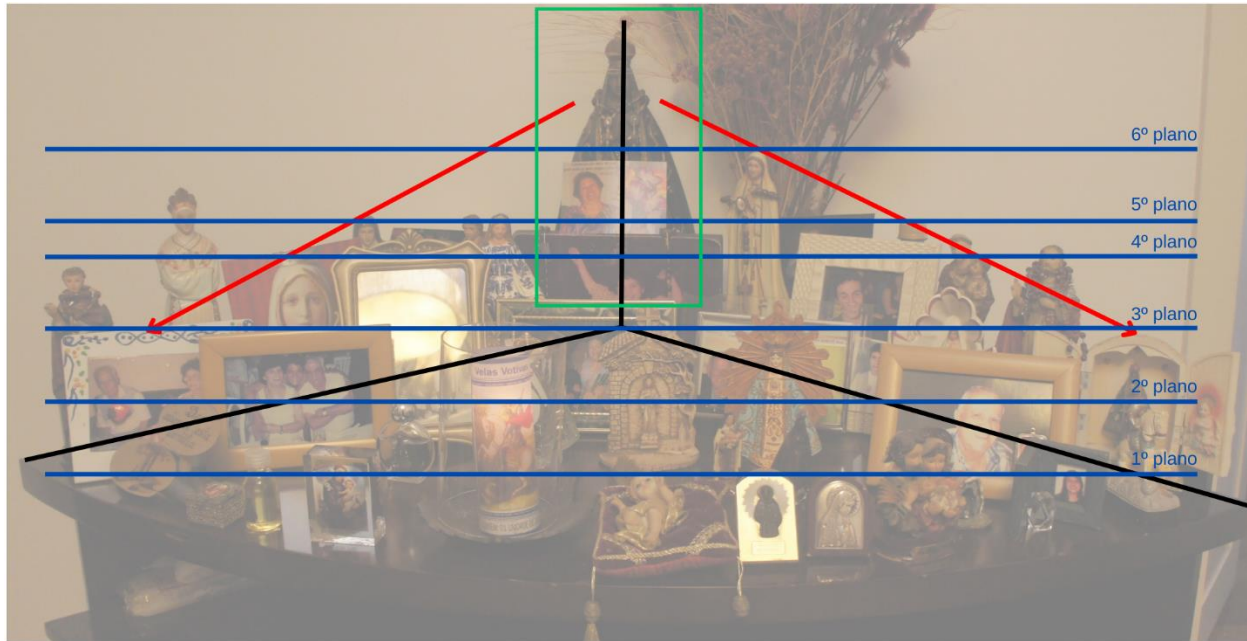


Figura 3:
Edição - espaço devocional de Sr. Antônio, 2023. São Paulo.
 Fotografia de Amanda Patrícia Tagliaro, acervo pessoal.



Figura 4:
Montagem de objetos religiosos, 2023. São Paulo.
 Fotografia de Amanda Patrícia Tagliaro, acervo pessoal.

A única imagem assim que eu deixo sempre aqui na frente é a Nossa Senhora [C - figura 2] né, porque toda hora tá pegando ela, então deixa daqui. Tem a Nossa Senhora também que fica fixa aqui atrás [B - figura 2], que ela é maior né. Aí tem as fotos intercaladas e tal... então não tem assim, o porquê de tá aqui do lado. Então, enfim, o mais importante não é a organização né, é a fé que você tem¹².

A imagem “A” é a figura central de um pequeno oratório de madeira pintado de branco, com portas articuladas que comportam a ilustração colorida de uma figura angelical em relevo, e sua localização no momento da entrevista é no canto do móvel – em 2º plano. Já a estatueta de maior altura, identificada como “B”, se fixa no plano de fundo, o que dificulta a visualização total da imagem, mas emana imponência como figura central, nos dando a sensação de estar guiando os demais elementos que compõem o espaço [figura 3]. Observamos que nesta imagem maior o proprietário posiciona sobre a estatueta pequenos terços, e também no porta retrato a frente, um costume visualizado frequentemente entre os entrevistados, como podemos perceber a partir da coletânea de fotografias compiladas na figura 4, que ainda está sob análise.

Por fim, a estatueta identificada como C na figura 2, no entanto, não tem o espaço devocional do hall entre os quartos como local fixo. Sr. Antônio, deposita nesta pequena figura uma confiança familiar, e conta na entrevista que só sai de casa na companhia deste objeto devocional, voltando para a companhia das demais figuras apenas nos momentos que o devoto está em casa:

Essa Nossa Senhora aqui, por exemplo, ela tá conosco desde quando a Carol [filha] sofreu um acidente, Carol tinha 5 anos, aí ela tá conosco desde então, tem 29 anos né que ela tá com a gente, e eu sempre saio com ela né. Desde quando a Carol sofreu acidente, alguém foi lá no hospital, na capelinha do hospital e deixou a Nossa Senhora lá, aí quando ela saiu eu peguei... e durante todo esse período né, ou seja, quase 30 anos, para onde eu vou eu levo ela. Eu já fui para 13 países, eu trabalhava no Brasil inteiro... faz parte aqui, da minha vida¹³.

O entrevistado associa, em suas falas, a presença da pequena estatueta de Nossa Senhora Aparecida à passagem de um momento difícil, que foi o acidente de sua filha quando criança. Episódio retomado mais de uma vez durante a conversa e que causa perceptível comoção ao Sr. Antônio, que também compartilha uma promessa feita: “Eu sou devoto de Nossa Senhora Aparecida, todo ano eu vou em Aparecida [a cidade]. Eu fiz uma promessa quando a Carol sofreu acidente né, de todo ano ir em Aparecida, e eu nunca faltei, então sempre vou lá agradecer pela benção¹⁴”. Essa devoção pela santa se

¹² Trecho de entrevista coletada para a execução da pesquisa de mestrado.

¹³ Trecho de entrevista coletada para a execução da pesquisa de mestrado.

¹⁴ Trecho de entrevista coletada para a execução da pesquisa de mestrado.

mostra, também, na vida cotidiana da filha Carol, a qual tivemos oportunidade de entrevistar e conhecer o espaço voltado para imagens devocionais [figura 5].



Figura 5:
Espaço devocional de Carol e Caroline, 2023. São Paulo.
Fotografia de Amanda Patrícia Tagliaro, acervo pessoal.

Ao observarmos, percebemos que há uma separação de ambientes no móvel que comporta os objetos religiosos. Carol mora e divide o espaço devocional com a companheira Caroline, que se identifica como umbandista:

Para mim foi bem interessante, assim, dividir o espaço né, eu moro junto com a Caroline que a minha namorada, sempre soube da religião dela desde o início e sempre respeitei também, como ela respeita minha, então a gente tem uma boa troca, até de questão de uma querer conhecer melhor sobre a religião da outra né (...) acredito que só boas energias transitam aqui. Então é muito importante tanto o que ela pede, quanto eu peço né, a gente sabe que é repleto sempre de muito amor, de muita verdade. Então eu fiquei feliz da gente poder ter esse mesmo ambiente, sabe? E cada uma também realizada com seu espaço, para poder acender a sua vela, no seu momento, na sua hora e ambas respeitarem isso¹⁵.

¹⁵ Trecho de entrevista coletada para a execução da pesquisa de mestrado.

Quanto às representações de Nossa Senhora Aparecida presentes no espaço de Carol, percebemos a centralização de uma estatueta de altura mediana (aprox. 30cm), cuja região do manto é coberta por pedrarias nas cores azul e branco, cercada de demais de elementos que carregam a imagem da santa: um pequeno oratório branco produzido em MDF, um grande terço florido, uma vela de sete dias adesivada, uma garrafa de água benta sob a forma de Nossa Senhora Aparecida e santinhos de papel, juntamente de livros sagrados e fotografias de familiares. Ao falar sobre a devoção à Nossa Senhora Aparecida, Carol retoma a fé dos pais, e os aponta como referência deste costume: “Eu acho que segui muito a linha dos meus pais, que meus pais têm um santuário deles em casa também, sempre tem fotos né, e a imagem do santo que mais representa a gente (...) é essa Nossa Senhora, que me protege, abençoa... eu tenho ela como imagem principal”. Diferentemente do espaço de oração dos pais, Carol diz pensar na composição e apresentação dos objetos, procurando deixar seu santuário – como ela mesmo chama – mais colorido, em acordo com seu estilo de vida:

(...) tem essa cara mais colorida sabe, alegre, são mais floridos... mas ao mesmo tempo tem a representatividade da imagem né, então trouxe mais para dar o ar da graça, podemos dizer assim (...) eu já comprei pensando no espaço, vou deixar mais colorida, eu gosto muito mais de roupas coloridas do que branco e preto, então minhas camisas tudo é muito colorido tem cores, aí por isso, eu quis deixar mais viva assim para mim, ficar mais alegre também.

A herança devocional foi um tema muito presente nas entrevistas efetuadas para a pesquisa de mestrado, grande parte dos voluntários afirmaram ter desenvolvido a devoção em algum santo ou santa, ou a identificação com o catolicismo, a partir de referências religiosas no meio familiar, assim como relatam o costume destes familiares em também possuir objetos religiosos em casa. O caso do Sr. Benedito Aparecido não foi diferente, além da fé, carrega em seu nome a homenagem da mãe: “Minha mãe teve filho antes de mim e esse filho não vingou, veio a falecer (...) ela falava que quando ela foi para ter o segundo filho, ela falou assim que se vingar o filho, ela ia colocar o nome dos dois santos que ela tinha fé (...) e essa fé eu carrego comigo¹⁶”.

São Benedito e Nossa Senhora Aparecida são duas figuras marcantes no cenário católico popular brasileiro, cujas representações visuais mostram presença no espaço devocional pessoal de Sr. Benedito Aparecido, as representações dos santos são presentificadas em destaque dentro de casa e na garagem [figura 6].

¹⁶ Trecho de entrevista coletada para a execução da pesquisa de mestrado.



Figura 6: Espaços devocionais de Sr. Benedito, 2023. São Paulo. Fotografia de Amanda Patrícia Tagliaro, acervo pessoal.

É possível perceber a ação do tempo sobre as imagens que ficam na garagem da casa do Sr. Benedito, estas se mostram descascadas com o branco do gesso visível, material utilizado na confecção da maioria das estatuetas presentes nos espaços estudados. Esta é uma técnica que possibilita a reprodução em molde, mas não quer dizer que todos objetos religiosos em gesso serão iguais, produzidos pela mesma empresa ou matriz. Observando os três espaços devocionais apresentados, notamos que por mais que as representações tenham a mesma iconografia, apresentam significativas diferenças formais. Nenhuma das imagens de Nossa Senhora Aparecida é igual, assim como as três estatuetas de São Benedito que Sr. Benedito possui.

A fabricação em gesso se popularizou na Europa na primeira metade do século XIX, cujo propósito era a cópia de esculturas medievais para colecionadores, na outra metade do século um despertar artístico por parte da Igreja Católica incentivou ainda mais o uso de imagens religiosas no ambiente privado, alavancando a produção destes objetos, que precisou ser incorporado no rápido e econômico sistema de reprodução em gesso a partir de moldes¹⁷. Neste sentido, surge a importação destes objetos religiosos produzidos em gesso diretamente de Portugal e França, enquanto a técnica não chegava de fato em terras brasileiras¹⁸. Os elementos produzidos em gesso, desde sua disseminação, compõem desde espaços litúrgicos à residenciais, para propósitos devocionais ou decorativos, e é uma

¹⁷ LUBOS-KOZIEŁ, Joanna. **Ambiguous Heritage**: "plaster saints", cast-iron christs and other mould-made catholic sculptures from the second half of the 19th and the early 20th centuries. Eslováquia, 2019, p. 78-79

¹⁸ CAVATERRA, Cristina. A. **Os catálogos ilustrados**: devoção, iconografia e comercialização de obras sacras na Belle Époque brasileira. Belo Horizonte, 2020, p. 116

solução para as altas demandas de vendas de objetos religiosos, mas que dificulta, ou até mesmo impossibilita, a identificação de autoria, afastando-os ainda mais da esfera artística.

Durante o desenvolvimento do trabalho, nas coletas de entrevista, foi possível constatar que a questão da autoria dos objetos não é uma preocupação, tampouco as questões estéticas dos itens – salvo alguns casos, como o de Carol, por exemplo. Nota-se, também, que a iconografia presente nas figuras destes santos e demais entidades religiosas são pouco conhecidas, não é comum entre os devotos questionamentos acerca dos símbolos representativos que acompanham as personalidades, muitas vezes sequer há a preocupação em conhecer a *legenda* dos santos eleitos para devoção.

Concluimos que o que se mostra mais importante para os devotos proprietários destes espaços devocionais caseiros é, simplesmente, a crença nos santos intercessores, visualizando as imagens como contribuintes materiais para momentos meditativos e contato com o divino, assim como a relação de familiaridade e memória que é estabelecida através do costume de manter estes objetos ao alcance cotidianamente. Estas despreocupações não limitam a proposta de pesquisa de mestrado, na verdade possibilitam conhecer e interpretar socialmente como acontece a devoção católica no sentido caseiro e popular nos dias de hoje.

Referências bibliográficas:

CAVATERRA, C. A. Os catálogos ilustrados: devoção, iconografia e comercialização de obras sacras na Belle Époque brasileira. **Imagem Brasileira** - UFMG. Belo Horizonte - MG, v. 10, p. 115–124, 2020.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

LUBOS-KOZIEŁ, Joanna. Ambiguous Heritage: "plaster saints", cast-iron christs and other mould-made catholic sculptures from the second half of the 19th and the early 20th centuries. **Muzeológia a kultúrne dedičstvo** - Eslováquia, n. 2, p. 77-94, jul. 2019.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOREIRA, Fuviane Galdino. O Manto de Nossa Senhora Aparecida: um esboço de uma análise. **Ouvirouver**. Universidade Federal de Uberlândia - MG, v. 14, n. 1, p. 94-106, 2018.

SANTOS, Anderson Adevaldo dos. **A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida em uma perspectiva simbólico-eclesiológica e mariológica**. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.